FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE LETRAS

DAYANNA RAYSSA DE AGUIAR BARBOSA

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: um estudo reflexivo a partir da obra “A língua de Eulália – novela sociolinguística” de Marcos Bagno

Chapadinha
2014

DAYANNA RAYSSA DE AGUIAR BARBOSA

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: um estudo reflexivo a partir da obra “A língua de Eulália – novela sociolinguística” de Marcos Bagno

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Prof. Esp. Maria Auridéia Moraes Ximendes

Chapadinha
2014

DAYANNA RAYSSA DE AGUIAR BARBOSA

SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA: um estudo reflexivo a partir da obra “A língua de Eulália – novela sociolinguística” de Marcos Bagno.

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Aprovada em _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Maria Auridéia Moraes Ximendes (Orientador)
Especialista em Docência do Ensino Superior
Faculdade do Baixo Parnaíba

_____

(1º Examinador)

_____

(2º Examinador)

À minha mãe e aos meus filhos, sujeitos que marcam minha existência como ser comunicativo que dá e recebe amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença em minha vida em todos os momentos, desde os tristes aos alegres.

Aos meus amigos e familiares, pelo apoio e incentivo para a conclusão deste curso.

Aos meus professores, pela socialização e construção do conhecimento, sobretudo na questão linguística.

À Faculdade do Baixo Parnaíba que proporcionou minha formação em Letras.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

“A diversidade linguística se apresenta como um fator relevante em muitos setores da vida – educação, desenvolvimento nacional, comunicação transcultural, entre outros.”

Edmilson José de Sá

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre a Sociolinguística Variacionista a partir da análise da obra *A língua de Eulália – novela sociolinguística*, do autor Marcos Bagno. Inicialmente, faz uma abordagem sobre as origens dessa ciência da linguagem, destacando-se as variedades linguísticas presentes no Brasil, tais como, variação diatópica, diafásica e diastrática. Em seguida, reflete sobre o preconceito linguístico e como este costuma ocorrer na escola. Discorre também acerca da relação entre o êxodo rural e as questões linguísticas. Faz ainda uma breve abordagem sobre as características do gênero novela e, na parte final, analisa a obra em questão. Para tanto, alguns autores foram muito relevantes para este estudo, dentre os quais: Bagno (2007- 2011), Bortoni-Ricardo (2011), Calvet (2002), Camarano e Beltrão (2000), Dias e Gomes (2008), Labov (2008), Perini (2004), Cagliari (2009). O trabalho direciona-se para a seguinte conclusão: o português falado no Brasil não é uniforme, e a imposição da norma padrão ignora as variedades linguísticas e gera preconceito.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista. Preconceito. Estudo.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the Sociolinguistics Variationist from the analysis of the work's tongue Eulalia - sociolinguistics novel, the author Marcos Bagno. Initially, makes an approach to the origins of this science of language, especially the language varieties present in Brazil. Then reflects on the linguistic prejudice and how this usually happens at school. Also talks about the relationship between the rural exodus and linguistic issues. Presents a brief biography of the author of the study. Still makes a brief approach to the novel features of the genre and in the final part analyzes the work in question. To this end, some authors were very relevant to this study, among which: Bagno (2007- 2011), Bortoni-Ricardo (2011), Calvet (2002), Camarano e Beltrão (2000), Day e Gomes (2008), Labov (2008), Perini (2004). The work is directed to the following conclusion: the Portuguese spoken in Brazil is not uniform, and the imposition of the standard norm ignores the linguistic varieties and breeds prejudice.

Keywords: Variationist sociolinguistics. Prejudice. Study.

SUMÁRIO

p.
1 INTRODUÇÃO..... 10
2 ORIGEM DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA..... 13
2.1 O contexto histórico..... 14
2.1 A sociolinguística no Brasil..... 15
3 AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS..... 17
3.1 Variação diatópica..... 18
3.2 Variação diastrática..... 20
4 REFLEXÕES SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO..... 23
4.1 A escola e o preconceito linguístico..... 29
5 AS RELAÇÕES ENTRE O ÊXODO RURAL E AS QUESTÕES LINGUÍSTICAS..... 26
6 ANÁLISE DA OBRA..... 29
6.1 A escolha do gênero novela..... 30
6.1.1 Das personagens..... 30
6.1.2 Do conjunto geral e do enredo da obra..... 31
6.1.3 O nome da novela..... 32
6.2 Os temas tratados na obra..... 33
6.2.1 O mito da língua única..... 33
6.2.2 Toda língua varia..... 34
6.2.3 A norma-padrão..... 35
6.3 Analogia entre línguas maternas..... 36
6.3.1 Dos verbos..... 37
6.3.2 Dos ditongos..... 39
6.4 O impacto de *A língua de Eulália*...... 39
7 CONCLUSÃO..... 41
REFERÊNCIAS..... 43

1 INTRODUÇÃO

A língua, conjunto de signos linguísticos convencionados por uma determinada sociedade visando à comunicação, e a linguagem, competência linguística do ser humano em organizar esses signos na iteração social estão entre os fatores mais importantes que o caracterizam. Nesse sentido, estudar a língua e a linguagem é uma forma de lidar com a construção identitária do homem. Por essa razão, sendo a língua de natureza humana, torna-se tão plural e instável quanto o próprio homem no seu processo evolutivo.

Assim, a variabilidade deve ser entendida como um traço de sua riqueza, e a uniformidade expressa por alguns puristas[1]da língua não tem lógica, sobretudo quando são percebidas as diferenças regionais, diferenças etárias, diferenças diacrônicas, ou seja, aquelas que ocorrem com a evolução histórica do léxico da língua, como no caso da evolução do vocábulo “você”, oriundo de *vossa mercê*, *vosmecê* e *vancê*, ou na passagem de *pharmácia* para *farmácia*, entre outros; os aspectos sincrônicos, isto é, quando se faz um recorte histórico-temporal para estudar a língua em determinado período, como, por exemplo, o léxico usado no Brasil na década de 1920. Além desses aspectos, ainda podem ser levadas em conta as questões socioeconômicas. Todos esses fatores influenciam no uso efetivo da língua materna.

Nesse aspecto, a presente monografia tem como objetivo principal realizar uma discussão teórica sobre a sociolinguística variacionista, a partir de um estudo reflexivo da obra *A língua de Eulália – novela sociolinguística*, de Marcos Bagno.

Estudar a Sociolinguística Variacionista significa, entre outras coisas, admitir que, do ponto de vista da funcionalidade (usos sociais da língua, nas situações reais de comunicação), esta não fica estática ou obsoleta, mas se transforma sincrônica e diacronicamente, por diversos fatores inerentes aos falantes, tais como: situação socioeconômica e cultural, situação geográfica, ou seja, a região influenciando no modo de falar e no vocabulário empregado do indivíduo, faixa etária, grau de formalidade e/ou informalidade, entre outros.

[1] Esse termo é utilizado por muitos autores, como Marcos Bagno, por exemplo, para referir-se às pessoas que defendem uma língua subordinada exclusivamente na gramática normativa.

Existem inúmeros estudos acerca das variedades linguísticas, tais como os de Berlinck (2008), com seu trabalho *Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua*; Baião (2013): *De Panini a Labov: um breve passeio pela história dos estudos linguísticos*; Silva (2013), com *Teorias da mudança linguística*, entre outros. Muitos desses estudos são inspirados nos trabalhos do pesquisador norte-americano William Labov[2], pioneiro nessa questão.

Assim, esta pesquisa monográfica pretende somar-se a outras já existentes, mas com um diferencial, pois sua abordagem é feita a partir da leitura de uma obra de caráter linguístico-literário.

No livro *A língua de Eulália*, o autor Marcos Bagno, usando da linguagem literária, com toda a carga de expressividade e de conotação que o texto literário contém, apresenta de maneira bastante consistente, mas leve e dinâmica, os pressupostos teóricos da Sociolinguística: variações linguísticas, o reflexo dos processos sociais nas estruturas linguísticas, o mecanismo da mudança linguística, o estudo da língua no contexto social, o quadro social da mudança linguística, numa pequena novela.

A maneira que o autor escreve é bastante dinâmica e compreensível, considerando-se que ele traz um aspecto menos formal e mais acessível para os estudos linguísticos, sem perder o caráter de cientificidade. Isso porque, apesar de tratar-se de uma obra ficcional, o autor usa os conceitos reais que fazem parte do contexto dos estudos linguísticos.

O que motivou a realização deste trabalho foi a constatação de que os alunos de nível fundamental, de nível médio ou mesmo universitário, muitas vezes, sentem dificuldade para compreender temas relacionados à sociolinguística, ora porque, na formação básica, tiveram pouco acesso a tal conhecimento, ora pelo fato de, no âmbito da formação acadêmica em letras, não haver um tempo maior para esse estudo.

Grande maioria dos autores apresenta a sociolinguística ainda de forma muito hermética, isto é, com uma linguagem fechada, muito técnica e pouco acessível ao leitor. Nesse aspecto, decidiu-se fazer um estudo que possibilitasse a difusão dessa ciência da linguagem mais objetiva, tornando-a mais acessível ao público discente, seja da educação básica seja do nível superior.

---

[2] Professor de linguística na University of Pennsylvania. Desenvolve pesquisas nas áreas de sociolinguística, variação e mudança linguísticas e dialetologia. (LABOV, 2008).

Para tanto, partiu-se do seguinte problema: de que forma a obra *A língua de Eulália* pode contribuir para a compreensão da sociolinguística variacionista? É possível considerar científicas as informações desse livro, mesmo que o seu enredo seja fictício? Qual, pois, a relação entre literatura e ciência nessa obra?

Como metodologia, os passos adotados foram a revisão da literatura acerca da Sociolinguística Variacionista, realizando-se fichamentos e selecionando-se trechos para fundamentação teórica; a leitura e a análise da obra *A língua de Eulália* e a realização de um confronto dialógico entre diversos autores da área da linguística.

O trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: primeiro faz uma breve abordagem sobre os conceitos e os aspectos históricos da sociolinguística, enfatizando os estudiosos do Brasil e do mundo que têm se destacado na difusão desta ciência da linguagem. Em seguida, menciona as principais variações linguísticas que ocorrem no ato comunicativo e sobre o preconceito linguístico que vem se perpetuando na sociedade. Também se discorre sobre a relação entre êxodo rural e a questão linguística na escola. Na parte central do trabalho, faz-se a análise da obra *A língua de Eulália*, enfatizando-se os pontos pertinentes à Sociolinguística Variacionista. Por fim, é apresentada a conclusão obtida a partir dos resultados e discussão realizados ao longo desta pesquisa monográfica. Para tanto, alguns autores foram relevantes, dentre os quais: Bagno (2007- 2011), Bortoni-Ricardo (2011), Cagliari (2009), Calvet (2002), Camarano e Beltrão (2000), Dias e Gomes (2008), Labov (2008), Perini (2004), Travaglia (2009), entre outros.

Não se espera, de forma direta ou indireta, considerar esgotadas todas as possibilidades de análise da obra em questão, entendendo-se que outros olhares e outros estudos são possíveis. Entretanto, acredita-se que o que é apresentado neste trabalho monográfico seja um passo significativo para o entendimento de algumas questões sociolinguísticas.

2 ORIGEM DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Os estudos já realizados sobre as variedades linguísticas têm como base os princípios da *Sociolinguística Variacionista*, ou seja, da ciência da linguagem, que surgiu a partir dos estudos de linguistas que vêm se dedicando a conhecer e a difundir o aspecto variável das línguas. Muitos buscam, por exemplo, compreender, como acontecem as variações na fala espontânea. Dessa forma, de acordo com Sá (2009, p. 55, grifo do autor):

> Isso possibilita uma linha divisória que separa a forma mais aceita na sociedade, preferida na escola e no âmbito profissional, da forma que foge às normas gramaticalizadas. O estudo das construções influenciadas por hábitos que perduram na sociedade, levando em conta não apenas aspectos extralinguísticos, recebeu o nome de *Sociolinguística.*

Essa ciência da linguagem, como afirma Sá (2009), fundamenta-se nas interações comunicativas que agregam pessoas e grupos nas inúmeras relações sociais do cotidiano, considerando a língua, nos usos reais, como um organismo vivo e variável. Quanto a essa variabilidade da língua, Calvet (2002) afirma que esta ocorre mediante os contextos socioeconômicos, geográficos, etários e estilísticos, ou seja, ligados à questão da formalidade ou informalidade da língua, nos seus usos sociais.

Como afirma Sá (2009), o papel da *Sociolinguística* é compreender a língua como um todo, visto que a língua, sendo um produto social, não se revela uniforme, mas heterogênea, variável. Além disso, deve-se considerar a subjetividade dos indivíduos usuários dessa língua.

A esse respeito, pode-se exemplificar que no Brasil fala-se o português, mas que há diversos fatores que têm influência sobre essa língua, ou seja, o português falado no Brasil apresenta muitas variações. Compreender isso significa romper com uma série de mitos e preconceitos linguísticos e, ao mesmo tempo, criar possibilidades de um estudo mais real e honesto da língua, não impondo o que o idioma deva ser, mas analisando-o tal como é: vivo e plural.

2.1 O contexto histórico

A maior evidência dos estudos sociolinguísticos ocorre a partir da década de 1960. Entretanto, essa tipificação foi criada por alguns pesquisadores, uma década antes, como forma de fazer referência "[...] às perspectivas conjuntas que os linguistas e sociólogos mantinham face às questões sobre as influências da linguagem na sociedade e o contexto social da diversidade linguística" (SÁ, 2009, p. 55). O propósito deles era, portanto, o de conhecer a identidade social do ouvinte ou do falante e sua realidade, partindo de determinada comunidade linguística.

Labov (2008) afirma ter resistido, a princípio, ao termo *sociolinguística*, uma vez que não há teoria ou prática linguística promissora que não seja social, mas resolve adotá-lo, considerando os aspectos da fala. O seu modelo teórico-metodológico é tomado como uma resposta reacionária ao modelo gerativista de Chomsky, por este ignorar o componente social e por considerar o falante-ouvinte pertencente a uma comunidade linguisticamente homogênea, o elemento ideal para as suas pesquisas (DIAS; GOMES, 2008). Dessa forma, no âmbito sociolinguístico,

> Cada comunidade linguística utiliza formas diferentes de falar, e tais diferenças são chamadas de *variedades linguísticas*. Ao conjunto de variedades linguísticas usadas por uma comunidade dá-se o nome de *repertório*. Como qualquer língua, falada por qualquer comunidade, vai sempre apresentar variações, o principal objeto de análise da SL[3] é a variação (grifos do autor). Tal variação pode ocorrer no plano diacrônico (histórico) ou no sincrônico (DIAS; GOMES, 2008, p. 123).

Para melhor compreender as bases da teoria de William Labov acerca das variedades linguísticas, convém observar o que o próprio estudioso explica, esclarecendo, dentre outras coisas, o modelo da tripartição, que consiste na origem das variações linguísticas, na difusão e propagação das mudanças linguísticas e nas proporções das mudanças linguísticas (LABOV, 2008).

Diante disso, é notório que tipo de objeto a *Sociolinguística* se ocupa. Com essa explicação detalhada, William Labov contradiz muitos céticos sobre a viabilidade desse estudo, principalmente Chomsky, pois ele ressalta em seus estudos os elementos linguísticos paralelamente aos fatores sociais.

---

[3]SL - Sociolinguística. (LABOV, 2008)

Os anos que seguem, depois da década de 1960, especialmente, o ano de 1970, segundo Calvet (2002), corresponde a uma espécie de mudança radical nos estudos sobre as variações linguísticas, sendo um período em que inúmeras revistas, artigos ou coletâneas são publicados, colocando no centro das abordagens e discussões a *Sociolinguística*.

Nesse momento histórico, despontam, além de William Labov, autores como *Pier Paolo Giglioli* e sua obra *Language and Social Context*, que traz o pensamento de estudiosos importantes no campo da linguística, tais como *Josuha Fisman*, *Erving Goffman*, *Basil Berstein*, *Jonh Gumperz*, *Charles Ferguson*, entre outros; "[...] e essa atividade em várias frentes é um indicador irrefutável de mudança: a luta por uma 'concepção social da língua' está em vias de se concretizar" (CALVET, 2002, p. 34, grifo do autor).

A partir disso, os estudos sociolinguísticos cresceram significativamente, mobilizando diversos pesquisadores da linguagem a produzir dissertações, teses, artigos, entre outros, trabalhos que têm se transformado em importantes fontes de pesquisa, que contribuem significativamente para a compreensão das múltiplas dimensões da língua, no âmbito da variabilidade.

2.1.1 A sociolinguística no Brasil

No Brasil, a *Sociolinguística Variacionista* é bastante difundida, tanto pelo interesse acadêmico, quanto pela quantidade de publicações que existem nessa área de estudos linguísticos.

Por ser este um país de grande extensão territorial, é quase inevitável que a língua não sofra variações de alguma forma. Como afirmam Dias e Gomes (2008, p. 123), "[...] se considerarmos apenas o Brasil, logo percebemos que o português falado em cada região apresenta especificidades, principalmente no que se refere ao léxico e à pronúncia".

Nesse sentido, muitos linguistas têm se dedicado ao estudo das variedades linguísticas, sobretudo no que diz respeito aos diversos falares do povo brasileiro, demonstrando que não se tem uma língua homogênea, como alguns gramáticos conservadores acreditam, mas sim uma língua heterogênea.

Entre os estudiosos que se dedicam à *Sociolinguística* no Brasil, podem ser citados: Marcos Bagno (2011), com obras tais como *"A língua de Eulália: novela*

sociolinguística"; *"Preconceito linguístico: o que é, como se faz"*; *"Não é errado falar assim! em defesa do português brasileiro"*; "*Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística"*; *"Gramática pedagógica do português brasileiro"*, entre outras, e traduções de obras importantes, como *"Padrões sociolinguísticos"*, de William Labov (2008), que o fez em parceria com *Maria Marta Pereira* e *Caroline R. C*ardoso.

Além disso, há também Mário Perini (2004), com obras como: *"A língua no Brasil amanhã e outros mistérios"*, *"Gramática do português brasileiro"*, entre outras; *Stella* Maris Bortoni-Ricardo (2011*)*, com *"Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula"*; *"Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais"*. Sílvio Elia (2003), com o seu livro *"Fundamentos histórico-linguísticos do Português do Brasil"*; Conceição de Maria de Araujo Rocha, Maria de Fátima Soares Rocha e José Ribamar Mendes Bezerra (2013), organizadores da obra *"O português falado no Maranhão: estudos preliminares"*, ligado ao projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALIMA), entre outros, que, por uma questão de concisão, não foram mencionados,

Como se pode perceber, os estudos sociolinguísticos no Brasil estão em um nível bastante avançado, no sentido de haver muitas pesquisas e produções voltadas à compreensão das múltiplas faces da língua, envolvendo até mesmo pesquisadores estrangeiros. Graças aos esforços acadêmicos e a contribuição desses estudiosos, a linguística brasileira tem adquirido um respaldo internacional[4].

[4]A esse respeito, vale observar que grande parte desses estudiosos concluiu o doutorado fora do país, o que possibilitou ainda mais o intercâmbio internacional.

3 AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Diversos fatores contribuem para a ocorrência das variações linguísticas: fatores geográficos, socioeconômicos, etários, diacrônicos, entre outros. Esses fatores precisam ser considerados pelos docentes, entendendo-se um estudo de língua a partir de sua funcionalidade, ou seja, sua dinâmica real nas diversas situações de comunicação.

A esse respeito, esclarece-se que as variações se dão tanto na pronúncia quanto no léxico. “Um exemplo disso é a raiz comestível conhecida em alguns lugares como *mandioca*, que talvez na sua região conheça como *aipim* ou *macaxeira*” (DIAS; GOMES, 2008, p. 123).

Baggio (2011, p. 79, grifo do autor, grifo do autor) também menciona sobre essa questão:

> Tomando como exemplo a língua portuguesa, é fácil verificar que ela não é usada de maneira homogênea em todo o Brasil. Apresenta variações que vão do léxico (por exemplo, uso de palavras diferentes para se referir à mesma coisa: “pão-francês” em São Paulo, “cacetinho” em Porto Alegre) até o sotaque (a maneira dos cariocas pronunciarem o “s” é diferente daquela usada pelos gaúchos). No entanto, essas variações no uso da língua não comprometem a unidade. Qualquer falante de português, no Brasil, sabe que está utilizando a língua portuguesa.

Dessa forma, o autor corrobora que no Brasil não se pode falar em uma língua que se manifesta de uma mesma maneira em todos os lugares, havendo muitas variações, as quais devem ser consideradas como uma característica do dinamismo próprio da língua. Ele ainda adverte que essa variabilidade não põe a unidade, isto é, que mesmo diante dela pode-se dizer que no Brasil fala-se um único idioma oficial, o português. Nesse sentido, o que muda é a forma com que esse idioma é expresso pelos inúmeros falantes.

Nesse contexto, fatores como região, nível de formalidade e informalidade, faixa etária, questões socioeconômicas e nível de escolaridade podem interferir na maneira como o português é falado no Brasil, sendo as razões para a existência real das variações linguísticas.

Em outras palavras, vê-se que não é possível ignorar esses fatos linguísticos, pois fazê-lo é o mesmo que desprezar a realidade da língua, caindo-se no senso comum e no preconceito linguístico.

3.1 Variação diatópica

Trata-se aqui da variação que ocorre ao serem comparadas as diversas regiões de um país no que se refere ao léxico e à pronúncia das palavras. “O adjetivo DIATÓPICO provém do grego *DIÁ-,* que significa ‘através de’, e de Tópos, ‘Lugar’” (BAGNO, 2007, p. 46).

Diante disso, vale observar que o regionalismo linguístico tem sido percebido e registrado em muitas obras da literatura brasileira, como, por exemplo, as de José Lins do Rego, de Graciliano Ramos, de Rachel de Queiroz e de Jorge Amado, além das obras de Patativa do Assaré.

Pode-se perceber no trecho do romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz, na fala da personagem, algo que comprova o que se está afirmando:

> Um dos homens levantou-se, com a faca escorrendo sangue, as mãos tintas de vermelho, um fartum sangrento envolvendo-o todo:
> — De mal-dos-chifres. Nós já achamos ela doente. E vamos aproveitar, mode não dar para os urubus.
> Chico Bento cuspiu longe, enojado:
> — E vosmecês têm coragem de comer isso? Me ripuna só de olhar...
> O outro explicou calmamente:
> — Faz dois dias que a gente não bota um de-comer de panela na boca...
> [...] (QUEIROZ, 2004, p. 44)

Esse trecho mostra um registro de léxico peculiar do homem nordestino, sertanejo, muitas vezes pouco ou não escolarizado: *“mode”*, *“vosmecês”*, *“ripuna”*, *“bota”* (em lugar de põe ou coloca), *“de-comer”.* Entretanto, pode-se analisar ainda, que essa variação não é decorrente apenas dos fatores geográficos, mas também dos fatores socioeconômicos, culturais e de escolaridade.

Quando autores como Rachel de Queiroz escrevem em suas obras falares como esses, o fazem porque compreendem que assim estão sendo mais verossímeis e realistas. Como retratar um homem sertanejo, com pouca ou mesmo nenhuma escolaridade, fazendo-o falar de acordo com os parâmetros da gramática normativa? Isso significaria tornar a linguagem do texto em desacordo com as personagens reais. Dessa forma, pode-se dizer que os registros de fala nas obras literárias, embora que em enredos totalmente fictícios, contribuem significativamente para o conhecimento das variedades linguísticas de determinado tempo e lugar, e de determinada cultura no tecido social brasileiro, podendo ser consultadas não só por questões literárias, mas também por questões linguísticas.

No que se refere às questões de variedades linguísticas ligadas à escolaridade, Cagliari (2009) explica que

> [...] um aluno que nunca conviveu com livros, leitura e escrita, fala um dialeto diferente do da escola, está muito mais afastado da forma escrita ortográfica, diz *craro*, *pratu*, mas tem de escrever *claro* e *prato*, diz "*nóis vai*" e tem de escrever "nós vamos" etc., e encontrará muito mais dificuldades na alfabetização (CAGLIARI, 2009, p. 30, grifo do autor).

Essa explicação do autor é análoga ao objeto de estudo deste trabalho, na medida em que trata de um modo de falar diferente do que prescreve a gramática normativa, o que é tratado como erro por esta. E, no Brasil, tem-se preocupado mais com o suposto prejuízo que "erros" como esses causam à estética da língua do que com a investigação da origem desses fenômenos linguísticos (BAGNO, 2010).

Não obstante, segundo Bagno (2010), observa-se que os alunos que falam *pranta*, *ingrês*, *pobrema*, *percuro*, entre outras palavras contrárias ao padrão da língua, muitas vezes, são os mesmos que acabam abandonando a escola. Isso revela uma injustiça social muito grande e uma evidente contradição em relação ao papel da escola de instruir e de formar para a cidadania.

Nesse sentido, quando alunos com esse perfil linguístico são excluídos da escola, a ideia que pode subsistir é a de que a escola é lugar apenas para poucos, para os que estão "aptos a", "preparados para", ou seja, para os que já sabem e não para os que precisam aprender. Entretanto, sabe-se que não é esse o papel social da escola.

Dessa forma, é preciso que se procure oportunizar aos alunos o acesso à norma padrão da língua, sem desrespeitar o seu contexto sociolinguístico, ou seja, procurando entender as razões por que falam variedades que não se conformam ao padrão oficial da língua. Em outras palavras, é preciso agir de maneira inclusiva, com respeito às diferenças e sem preconceito de qualquer natureza.

Ainda no âmbito da variação diatópica, Jorge Amado, em sua obra literária *Tocaia grande*, também se preocupou com a verossimilhança ao fazer um registro de fala condizente com o meio social e com o nível socioeconômico de seus personagens. O trecho a seguir traz um exemplo da variedade no falar sertanejo, do homem simples do campo, do homem da periferia, não só no que diz respeito ao léxico, mas também na construção da expressão, da frase:

> − Tu tá pra sair da faculdade, doutor formado, mas tu ainda tem muito que aprender. Cada hora tem sua serventia: hora de tiro, hora de caxixe. O Coronel quer que tu seja o mediador com o pessoal de Itabuna. Me disse: − *Venturinha está carecendo começar a se desasnar. Dessa vez é ele quem vai resolver tudo, quero ver como se sai*. Tu precisa não esquecer que todo mundo em Itabuna lia pela cartilha do Coronel Elias, um é compadre, outro é afilhado dele; tem gente que só aceitou recolher os paus-furados porque ele mandou. Lá, tu não vai falar em tocar fogo nas roças do Coronel Elias, senão tu bota tudo a perder. Tu é esquentado demais, deixa o calor pra gastar com as moças [...] (AMADO, 2008, p. 24, grifo do autor).

Nesse fragmento, vê-se, sobretudo, a não obediência às regras de concordância verbal e a redução[5] nas palavras: *"Tu tá pra"*, *"tu ainda tem"*, *"que tu seja"*, *"tu não vai falar"*, *"tu bota"*. Entretanto, além dessa ocorrência vocabular, têm-se também algumas expressões características: *"lia pela cartilha"*, isto é, seguia, obedecia; *"recolher os paus-furados"*, no linguajar dos jagunços, significava recolher as espingardas[6]. Esses exemplos mostram o cuidado dos literários regionalistas de registrarem em suas obras o homem sertanejo nos seus trejeitos linguísticos.

3.2 Variação diastrática

A variação diastrática é percebida pela comparação entre as maneiras de falar das diferentes classes sociais, conforme a própria terminologia da palavra indica: *Dia*, seguido de *Stratum*, camada ou estrato (BAGNO, 2007).

Na sociedade brasileira, como em muitas outras, as pessoas pertencentes às camadas sociais mais elevadas têm, consequentemente, mais oportunidades para estudar, enquanto as das classes inferiores têm pouco acesso ao mundo letrado. Estas, muitas vezes, deixam de estudar para lutar pela sobrevivência da família em trabalhos subvalorizados pelas elites: no campo, na mão de obra rústica da construção civil, no serviço de limpeza de ruas, nos serviços domésticos, etc., que não exigem de seus executores um nível elevado de escolaridade.

Considerando-se essas questões, pode-se perceber que o estrato social influencia na questão linguística. Pessoas que tiveram pouco ou nenhum acesso à

[5]A gramática normativa explica a redução como um dos processos de formação das palavras, no que chama de **derivação regressiva** (BECHARA, 2009). Nesse contexto, a redução acontece por meio da diminuição das palavras a fim de torná-las mais próximas da língua coloquial.
[6]Dicionário Aulete online. Disponível em <www.aulete.com.br>. Acesso: 14 out. 2013.

escola não se expressam, na oralidade ou na escrita, da mesma maneira que uma pessoa letrada, como explica Bortoni-Ricardo (2011, p. 21):

> O critério de estratificação social, portanto, sobrepõe-se parcialmente ao de antecedente rural ou urbano na explicação da variação linguística, pois a maior parte do estrato social mais baixo constitui-se do campesinato e dos migrantes rurais. Em outras palavras, a distribuição de diversas variáveis linguísticas explica-se tanto com base nas classes sociais, quanto com base na origem rural/urbana.

Como se pode perceber é fato que pessoas de estratos sociais diferentes dão origem a falares diferentes, e, por causa disso, frequentemente as do estrato mais baixo têm sido vítimas de preconceito, tanto linguístico quanto social, e o que é pior, de exclusão social.

No Brasil, apesar das tentativas governamentais para a erradicação da pobreza e para melhorar o índice de desenvolvimento humano, como, por exemplo, com a implementação de programas como o *Bolsa Família* e de estratégias para democratizar o acesso ao ensino superior, como o Sistema de Cotas, o Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), ainda há muitos estados de miséria no país. Nesse sentido, levando-se em conta que os fatores socioeconômicos e culturais estão inteiramente ligados aos fatores linguísticos, pode-se afirmar que o preconceito linguístico é um problema que exige um olhar e tratamento diferenciado.

Essa forma de preconceito é histórica, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, e não só no presente, mas também no passado. A saber, na Antiguidade, gregos e romanos costumavam rotular como bárbaros quaisquer povos que não assimilassem sua cultura, o que incluía a língua. O primeiro passo era justamente este: o povo conquistado deveria abandonar o seu idioma materno e assimilar o idioma do conquistador. No caso dos romanos, esse tipo de estratégia de conquista deu origem às línguas neolatinas, como o italiano, o espanhol, o português e boa parte do francês.

Na visão dessa época, a língua do dominador era perfeita, digna de ser imitada pelos povos ditos subalternos, que deveriam sentir-se privilegiados por aprenderem um idioma de alta cultura. Portanto, essa forma de preconceito linguístico acontecia pela comparação entre idiomas, em que uns eram considerados mais fortes e perfeitos que outros, como na relação da civilização greco-romana com os povos conquistados.

Mas como explicar que o preconceito linguístico aconteça entre pessoas que falam o mesmo idioma? Qual a razão dele existir? Qual sua origem? A esse respeito, Bagno (2009b, p. 29, grifo autor) pondera que:

> Porque o verdadeiro problema, a verdadeira questão social implicada nisso tudo não tem a ver com o fato de se usar a regra A ou a regra B. Tem a ver, isso sim, com o uso social perverso que se faz do domínio desse suposto saber: “Eu sei empregar a passiva sintética, eu sei quando empregar o acento indicador de crase, eu sei usar os pronomes oblíquos, mas você não [...] Por isso eu sou mais inteligente, estou mais preparado para exercer o comando, pertenço a uma casta superior”.
> É esse o discurso, muitas vezes não explicado, oculto na atitude de quem se vale de seu conhecimento da gramática normativa como um instrumento de distinção, como se saber a regência “correta” do verbo implicar implicasse em algum tipo de vantagem, de regularidade, de superioridade intelectual, de senha secreta para o ingresso num círculo de privilégios.

O autor afirma que a raiz do preconceito linguístico está no equívoco de se achar que seguir plenamente gramática normativa é sinônimo de perfeição ou de superioridade em relação às pessoas que não o fazem. E essas posturas fundamentalistas em relação à gramática geram equívocos quanto à língua portuguesa e suas variedades.

Todos têm direito, perante a Constituição Federal, Art. 205 e 206, de ter acesso aos bens culturais, como a aquisição de saberes técnicos e gramaticais sobre o próprio idioma. No entanto, isso não significa a extinção das variedades linguísticas. Pelo contrário, estas são um sinal da riqueza linguístico-cultural brasileira, de sua heterogeneidade linguística.

A uniformidade na língua é, pois, um mito. No entanto, ainda há muitos compêndios gramaticais no Brasil que insiste em defendê-lo, em nome de um zelo pelo idioma, como se este estivesse correndo algum risco em face das variedades comprovadas pela simples observação de como as pessoas falam, de como a língua se manifesta nas inúmeras situações comunicativas, nos inúmeros contextos linguísticos.

4 REFLEXÕES SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O preconceito linguístico nasce do preconceito social. Trata-se de dirigir-se a uma pessoa de forma pejorativa por esta não falar de acordo com o que prescreve a norma-padrão. As principais vítimas desse tipo de preconceito são as pessoas mais simples, sem instrução escolar. Seu modo de falar é tido como feio ou errado, gerando termos usados, quase sempre, pejorativamente, tais como: “jeca”, “do mato”, “caipira”, “bronco”, dentre outros, sempre com o intuito de diminuir a pessoa devido ao seu jeito de falar diferente, que não costuma seguir fidedignamente os parâmetros da gramática normativa.

Bagno (2009b, p. 16, grifo do autor) considera que:

> [...] o preconceito linguístico pode assumir várias formas e pode ser dirigido contra grupos sociais ou povos específicos. Até, muita gente acha que o nome *língua* só pode ser aplicado às línguas de cultura escrita da Europa e de algumas outras poucas civilizações milenares (árabe, hebraica, chinesa, japonesa), enquanto os índios da América, os negros da África e os aborígenes da Oceania usam algum tipo de sistema de comunicação pobre, rudimentar e tosco, que recebe diversos rótulos pejorativos: *gíria*, *jargão*, *caçanje*, *calão*, *geringonça*, *ingresia*, *charabiá*, *pretoguês*, *algaravia* entre outros. Pode até ser um “linguajar”, um “falar” ou mesmo (para usar um termo chique) um “dialeto”, mas LÍNGUA, nem pensar! Afinal, se esses povos (supostamente) são “primitivos” e “pobres” em todos os aspectos de sua cultura, é “natural” que eles também se comuniquem de modo “primitivo” e “pobre”... Santa ignorância! Puro etnocentrismo!

Este é o maior e mais sério mito que gera o preconceito linguístico no Brasil, por estar arraigado em nossa cultura, fazendo com que até estudiosos, intelectuais renomados acabem se equivocando (PERINI, 2004).

Existem estudos e gramáticas que se baseiam nesse mito (BAGNO, 2009a), que tem prejudicado demasiadamente a educação, porque na medida em que não se reconhecem as variedades do português falado no Brasil, a escola fica tentando impor suas normas gramaticais, como se as variações na língua fossem uma anomalia no idioma, que precisa ser combatida com o ensino da gramática normativa (PERINI, 2004).

O preconceito linguístico coincide com as situações de injustiça social, com a má distribuição de renda, com as diferenças de status sociais, o que pode explicar o fato de existir um abismo linguístico entre variedade do português brasileiro não-padrão (PNP), que corresponde à maioria da população, e a norma-padrão (PP) ensinada na escola (BAGNO, 2009a).

Para Bagno (2009b), acreditar que falam correto somente os que usam a língua culta, que consta nos dicionários, nas gramáticas normativas, nos textos literários, nos documentos oficiais, constitui-se um equívoco grave e preconceituoso, pois com isso vai-se gerando segregações em relação aos demais usuários da língua, negando-lhes, muitas vezes, o direito de acesso aos bens culturais.

Nesse contexto, percebe-se a necessidade de que as instituições que trabalham com a educação e cultura e os órgãos públicos procurem agir de maneira que acabem com essa crença mitológica da unidade linguística do português brasileiro, passando a reconhecer (BAGNO, 2009b) e aceitar a diversidade linguística do Brasil, e, assim, planejem políticas públicas que amparem a população marginalizada dos falantes das variedades não-padrão.

4.1 A escola e o preconceito linguístico

Um bom exemplo de como ocorre o preconceito linguístico na escola é o texto *Nóis mudemo*[7]

Nesse texto tem-se a história de um menino chamado Lúcio, que estudava em uma escola de periferia, apresentando uma distorção idade/série. Na verdade, Lúcio era quase um rapaz. Por conta de algumas faltas às aulas, sua professora o interrogou para que se justificasse, ao que Lúcio o fez, pronunciando a frase que mudaria sua vida para sempre: *"Nóis mudemo, professora".* Por causa dela, e do mito de que só fala bem quem segue a gramática normativa, Lúcio passou a ser hostilizado por seus colegas, que ficavam repetindo a frase, de forma tal que já não era mais chamado pelo seu nome, mas simplesmente por *Nóis mudemo*. O resultado disso foi que Lúcio abandonou a escola.

Tempos depois, em uma de suas viagens, a professora surpreendeu-se com um moço maltrapilho, que engraxava sapatos ali no terminal rodoviário, quando este a chamou. Como ela não o reconheceu de imediato, ele logo disse: "Sou eu professora, o *Nóis mudemo*".

O menino Lúcio representa nesta história todos os meninos do Brasil que, por apresentarem na fala uma variedade diferente daquela prescrita nas gramáticas normativas, são vítimas de preconceito linguístico.(*BULLING*) Um simples *Nóis*

[7]Nóis mudemo- Preconceito linguístico (2013)

mudemo marcou a vida do destino do menino de maneira trágica. Os colegas de Lúcio logo usaram dela para fazer zombaria, cometendo *bullying*[8]. E a professora, ao corrigi-lo na frente de todos completou a cena de humilhação.

Diante de casos como esse, pode-se perguntar: Quantos Lúcios existem espalhados pelo Brasil afora? E quantas professoras que, ferrenhas defensoras da correção gramatical, são corresponsáveis pelo abandono escolar de muitos alunos?

[8] O termo bullying diz respeito a um conjunto de atitudes de violência física ou psicológica, intencional, perversa e repetitiva, praticada por um ou mais agressores contra uma ou mais vítimas (FANTE, 2005).

5 A RELAÇÃO ENTRE O EXÔDO RURAL E AS QUESTÕES LINGUÍSTICAS

Entende-se como êxodo rural a migração de indivíduos do campo para a cidade, muitas vezes motivada pela busca de melhores oportunidades de vida. Para Camarano e Beltrão (2000), em termos nacionais, o fluxo de migração ocorre mais da região Nordeste para a região Sudeste do país por vários motivos, os principais são: fuga da seca e do desemprego.

Como os centros urbanos não oferecem as condições sociais de que os imigrantes necessitam, acontece uma sucessão de problemas, tais como o aumento das favelas e cortiços, aumento do desemprego e da violência, sobretudo nos bairros periféricos.

Considerando-se esses aspectos do êxodo rural, pode-se deduzir quais sejam as dificuldades que as crianças filhas desses imigrantes sofrem ao chegarem à escola. No que se refere à questão (sócio) linguística, trata-se mesmo de um choque o contato dos alunos oriundos do campo com os da cidade, principalmente pelo preconceito que os campesinos sofrem (BORTONI-RICARDO, 2011).

Assim o povo do campo, quando chega à cidade, passa a ser rotulado de caipira, termo que, segundo Cândido (1964, p. 29 apud BORTONI-RICARDO, 2011, p. 35, grifo do autor),

> Presentemente, o termo que tem uma etimologia tupi – *curupira* –, não está restrito à área de influência histórica dos paulistas, mas se refere à população rural e tradicional do Brasil. Adjetivada, a palavra é usada para descrever o modo de vida isolado e antiquado dos habitantes de áreas rurais, quando comparado ao modo de vida urbano.

O termo “caipira” normalmente se apresenta associado à baixa escolaridade ou à ausência total dela. Assim, para uma pessoa dita letrada, chamar alguém caipira, da roça ou caboclo do interior é o mesmo que chamá-lo de sem instrução, não escolarizado. A origem, nesse caso, está associada à ausência dos bens culturais a que somente a população mais abastada do país tem acesso.

Não tendo acesso a esses bens culturais ou mesmo não sendo respeitado pela sua cultura campesina, o imigrante passa a viver na cidade como um estranho no meio dos outros, o que dificulta a sua convivência e, principalmente, o que fere a sua dignidade como cidadão brasileiro e como ser humano.

A esse respeito, pode-se dizer que um dos traços dessa cultura de exclusão social por causa do modo diferente de falar tem uma ligação, segundo Cândido (1964 apud BORTONI-RICARDO, 2011, p. 36), com

> [...] a segregação da influência urbana, um isolamento cultural que estabeleceu e manteve formas sociais baseadas na economia fechada de subsistência e nas práticas de solidariedade mútua. A população caipira espalhou-se por um amplo território no interior do Brasil, seja vivendo em casebres distantes uns dos outros ou em pequenos povoados.

Essa segregação a que se refere o autor faz com que se instaure o preconceito linguístico – uma forma de bullying – devido à variedade linguística do imigrante, do caipira. Algumas dessas diferenças são mostradas no estudo de Stella Maris Bortoni-Ricardo, a partir de dados coletados em Brazilândia, que deu origem à obra *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*, da qual se tem e seguinte explicação: “[...] este estudo lida com um processo de mudança linguística em andamento, da variedade rural extremamente estigmatizada para variedades urbanas mais próximas do padrão [...]” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 58).

No contato do homem rural com o homem urbano, a assimilação e/ou aproximação parece ser uma forma de enquadramento linguístico. Entretanto, a autora adverte para o fato de que os processos fonológicos do português brasileiro estão relacionados a processos universais (BORTONI-RICARDO, 2011).

Nesse sentido, é um erro considerar que o caipira fala errado, já que os processos fonológicos que explicam seu falar são universais e não em algo fechado, numa espécie de gueto da língua.

Não obstante – e considerando-se o ambiente escolar –, percebe-se a necessidade de os educadores cultivarem na escola um espírito de inclusão, de solidariedade e de respeito mútuo, o que deve ser uma *práxis* nas instituições de ensino. Entretanto, vários fatores vêm concorrendo para que isso não ocorra.

Em se tratando dos indivíduos que migram do campo para a cidade, e que desejam que seus filhos recebam educação escolar, um dos fatores mais negativos é a segregação por fatores linguísticos, socioeconômicos ou culturais, o que acontece quando o indivíduo é discriminado pelo seu modo de falar, como no exemplo dado no texto *Nóis mudemo*, já mostrado anteriormente.

Em outras palavras, segundo Bagno (2009), na lógica dos que defendem única e exclusivamente a norma-padrão, há uma separação dos que falam bem (falantes da variedade padrão da língua) dos que falam mal o português (falantes de outras variedades), formando a gênese do preconceito linguístico.

Nesse contexto, a relação entre êxodo rural e linguística corrobora essa discussão que se vem fazendo, ou seja, de que as pessoas oriundas do campo quando vêm para cidade, além de enfrentarem inúmeros problemas sociais, ainda sofrem preconceito linguístico, sendo estigmatizadas como pessoas rudes, jecas, incapazes ingressarem no ciclo restrito da elite dos citadinos letrados. E muitas instituições de ensino do Brasil, ao invés de investirem em um ensino de língua materna que considere as variedades linguísticas, perpetuam o preconceito com os que falam diferente. E os que vêm da zona rural são as principais vítimas nesse sentido.

6 ANÁLISE DA OBRA

A presente análise aqui realizada contempla os pontos que mantém uma ligação direta com a sociolinguística variacionista. Para tanto, foram selecionados tópicos, dentro de certa lógica temática, para serem comentados e contextualizados, sendo restante da obra analisada no cômputo geral, por entender-se que os itens elencados já contemplam a essência de suas abordagens.

Priorizaram-se os itens que corroboram a temática aqui trabalhada e que fazem jus à sua escolha. Tais itens versam sobre o preconceito linguístico tão comum no meio social, buscando explicar como este acontece e quais suas consequências para a pessoa que sofre tal preconceito.

6.1 A escolha do gênero novela

O gênero novela está compreendido entre o conto e o romance, distinguindo-se um do outro mais pela extensão que pelo conteúdo – grosso modo (MOISÉS, 2004). As novelas são bastante populares no Brasil, sendo algumas até exportadas para os países latinos e para a Europa. Talvez por esse fato o autor Marcos Bagno tenha optado por esse gênero, para facilitar mais a compreensão de temas da sociolinguística por parte dos leitores, o que nos livros convencionais, por vezes, costuma ser tratado de forma muito hermética.

A novela pode prender o seu leitor logo no início da leitura, como afirma Moisés (2004, p. 324),

> Quanto, ao começo da novela, há de atrair imediatamente o leitor para o cenário do primeiro episódio: as novelas recusam as demoradas preparações, decerto para atender às expectativas do leitor, ávido por ingressar na correnteza da narrativa. Alcançado o seu objetivo, o novelista concentra-se na armação dos episódios, que vão se enlaçando num crescendo que atinge o ápice na derradeira célula.

Ao elaborar cada célula de sua novela, o autor pensou nesses pormenores técnicos. Isso porque se um livro não atrai o leitor logo de início, dificilmente será lido. Ele trata dos temas essenciais da sociolinguística de maneira mais leve. São as personagens, conversando entre si, que os trazem à tona. E os

diálogos são construídos com frases menos rebuscadas, sem o caráter retórico de uma abordagem acadêmica tradicional. Com isso, percebe-se uma preocupação que o autor teve com interação autor-texto-leitor. E, segundo Koch e Elias (2010, p. 13), “Essa concepção de leitura [...] vem merecendo a atenção de estudiosos do texto e alimentando muitas pesquisas e discussões sobre a sua importância para o ensino da leitura”.

A construção da novela *A língua de Eulália* tem como princípio geral essa relação tríplice explicitada pela autora Ingedore Koch, e Marcos Bagno, que tem se destacado no meio acadêmico como um defensor e difusor da sociolinguística, quis aproximar-se ainda mais de seu público leitor, promovendo por meio de sua novela um diálogo promissor em que os interlocutores são autor e leitores.

6.1.1 Das personagens

Para compor sua novela, Bagno (2011a) cria as seguintes personagens principais: *Vera*, 21 anos, estudante de Letras; *Silvia*, mesma idade, estuda Psicologia; *Emília*, 19 anos, faz o primeiro ano de Pedagogia. Ambas são professoras do curso primário no mesmo colégio de São Paulo. Estas personagens representam as falantes do português padrão, da norma culta. E para terminar sua composição, *Irene*, professora de língua portuguesa e linguística que, mesmo depois de aposentada, continua estudando, pesquisando e escrevendo; *Eulália*, personagem que dá nome ao livro. Depois de viúva passou a morar com Irene, tornando-se, mais que empregada, uma grande amiga e colaboradora. Ao chegar à chácara, não sabia ler nem escrever e por conta disso, Irene resolveu ensiná-la. A princípio, as aulas eram apenas para Eulália, mas esta foi convidando suas amigas, formando uma turma de cerca de vinte alunas, todas adultas e que trabalhavam no mesmo bairro.

Com esses tipos humanos Marcos Bagno mostra, de um lado, os defensores da norma, da língua de prestígio – ora por convicção de estarem “certos”, ora simplesmente por desconhecimento dos fenômenos linguísticos; e do outro lado, os que são vítimas de preconceito por não seguirem ou não se adequarem à norma padrão, o que se personifica na personagem Eulália.

Entretanto, Bagno não apresenta em sua novela apenas esses dois lados antagônicos. Pelo contrário, faz questão de mostrar a consensualidade e a visão científica, que ajuda a compreender com mais clareza aquilo que os normativistas chamam de “erro” na língua. Isso é feito por meio da personagem Irene, profunda conhecedora da ciência da linguística.

6.1.2 Do conjunto geral e do enredo da obra

Vários linguistas do Brasil e do mundo vêm realizando pesquisas e escrevendo livros para tornar a Sociolinguística mais conhecida. Nesse aspecto, o pesquisador, tradutor e escritor Marcos Bagno tem sido uma referência. A maioria de suas obras visa desfazer os mitos sobre a Língua Portuguesa e mostrar os pontos falhos do ensino, que tem favorecido muito mais as concepções dos gramáticos normativistas, defensores de uma língua ideal e não real. Bagno (2009b) mostra que a língua se transforma, mas que a gramática pretende cristalizá-la, tornando-a obsoleta, o que, de certa forma, contribui para o surgimento do preconceito linguístico.

Esse ponto de vista do autor tem gerado polêmica e muitas pessoas veem aí uma suposta briga entre gramáticos normativistas e linguistas. Entretanto, o autor não está sozinho ao mostrar que muitas vezes os normativistas se equivocam. Há outros estudiosos brasileiros e estrangeiros que comungam de suas ideias, como *William Labov*, *Louis-Jean Calvet*, *Mário Alberto Perini*, *Irandé Antunes*, *Stella Maris Bortoni-Ricardo*, entre outros. Mário Perini, por exemplo, observa:

> O elenco de fatos tradicionalmente incluídos em uma gramática foi estabelecido há alguns séculos, e os autores modernos têm mostrado uma fidelidade extrema a essa tradição. Nesse meio tempo, a pesquisa linguística não ficou estacionária, de modo que hoje chegamos à esdrúxula situação de termos em mãos um mundo de observações, análises e hipóteses interessantes e reveladoras sobre a estrutura da língua, mas que não chegam às gramáticas escolares, as quais se limitam ao que era (mais ou menos) conhecido no começo do século XX (PERINI, 2004, p. 31).

Essa posição do autor ratifica os postulados teóricos defendidos por Marcos Bagno, que na obra *A língua de Eulália – novela sociolinguística*, alvo de análise desta pesquisa, visa deixar mais claro os propósitos da Sociolinguística, numa linguagem rica, leve e inovadora: a linguagem linguístico-literária.

Bagno (2011a) faz uma crítica ao preconceito linguístico que vem sendo praticado na sociedade, e já começa quando escolhe o nome da personagem principal de sua novela, *Eulália*, que, na trama, é alvo de comentários depreciativos devido à variedade linguística que emprega ao falar. O que é simplesmente diferente é tido como errado, feio e tosco, como se pode observar no seguinte trecho extraído da novela, em que se pode perceber a visão defendida pelos seguidores da norma padrão em detrimento aos que, por alguma razão não a usam na prática:

> [...]
> — Para dizer a verdade — prossegue Irene—, A Eulália é um poço sem fundo de conhecimento e sabedoria. Todo dia aprendo uma coisa nova com ela. Só de remédios caseiros, feitos com ervas medicinais, dava para encher uma enciclopédia. E como conselheira para os momentos de angústia e depressão não conheço melhor psicólogo do que ela.
> — Pode até ser — comenta Emília enquanto as quatro se sentam num grande banco de madeira sob um caramanchão. — Mas ela fala tudo errado. Isso para mim estraga qualquer sabedoria.
> — Eu tive de me segurar para não rir quando ela disse aquelas coisas na mesa — acrescenta Sílvia.
> — Que coisas? — quer saber Vera.
> — Ah, sei lá... agora não me lembro — responde Sílvia.
> — Eu me lembro — adianta-se Emília. — Ela disse “os probrema”, “os fósfro”, “môio ingrês”...
> — É mesmo — confirma Sílvia —, e a mais engraçada foi: “percurá os hômi”...
> Sílvia ri, é Emília a imita.
> [...] (BAGNO, 2011a, p. 13, grifo do autor)

Esse trecho do livro sintetiza o tipo de abordagem que o autor faz no desenvolvimento do enredo. O autor mostra que a atitude dessas personagens – estudantes universitárias, na novela, – representa a atitude do enorme contingente de pessoas que praticam e difundem o preconceito linguístico na sociedade, o que acontece devido a ignorância em relação aos postulados da Sociolinguística.

6.1.3 O nome da novela

A escolha do nome “*A língua de Eulália”* para a novela não foi à toa. Na trama, *Eulália* é a personagem principal, e seu nome, que tem origem no grego, e significa “boa falante”, corresponde a uma estratégia utilizada por Bagno (2011a) para tecer uma crítica aos que praticam o preconceito. Já no final da obra, o autor utiliza-se de suas personagens para explicar as razões do título da novela:

> [...]
> − Estou com uma ideia, quero ver o que vocês acham... – responde Irene.
> − E qual é? – interessa-se Emília, sempre curiosa. – Infelizmente, não pode ser *Emília no país da gramática*, porque Monteiro Lobato já escreveu um livro com esse título perfeito...
> − Ai, meu Deus, como é metida! – exclama Vera.
> Irene percebe que Eulália se afastou um pouco para comprar pipoca com os netos. Aproveita a chance para dizer:
> − Quero fazer uma surpresa para Eulália... Estou pensando em dar ao livro o título de *A língua de Eulália*... Afinal, foi observando a variedade linguística dela que me veio a ideia de estudar o assunto... O que acham?
> − Que ideia mais linda, tia! – Você realmente não existe!
> − E o título tem um detalhezinho linguístico interessante, ainda por cima – revela Irene. – O nome Eulália, em grego, quer dizer "a que fala bonito, a que fala bem, a que fala certo". Não é uma delícia? (BAGNO, 2011a, p. 208).

Percebe-se nesse trecho a sutileza de Bagno ao tecer a crítica e, ao mesmo tempo, ao ironizar. Pois, em sua novela, a personagem Eulália sofre preconceito linguístico, embora velado, justamente pelo modo como fala.

6. 2 Os temas tratados na obra

A novela, como fora dito a princípio, foi o gênero escolhido por Bagno para tratar de temas importantes da sociolinguística. No entanto, neste trabalho, por uma questão de concisão e objetividade, fez-se uma condensação, reunindo-se os principais, sem que isso cause prejuízo a esta análise.

6.2.1 O mito da língua única

Neste item, Marcos Bagno explica que, no Brasil, falar em unidade linguística é um grande equívoco, pois exclui as muitas línguas que, mesmo não tendo um caráter majoritário como o português, são vivas e faladas – as línguas indígenas e as dos imigrantes, por exemplo:

> − O mito da unidade linguística do Brasil pode ser resumido na resposta que Vera e Sílvia me deram agora a pouco: *"No Brasil só se fala uma língua, o português"*. Um mito, entre outras definições, é uma *ideia falsa, sem correspondente na realidade* [...].
> − Primeiro, no Brasil não se fala uma só língua. Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes mantêm viva a língua de sues ancestrais: coreanos, japoneses, alemães, italianos, etc. (BAGNO, 2011a, p. 18, grifo do autor).

Como se pode perceber, os assuntos são introduzidos nos próprios diálogos das personagens, em tom de conversa, o que facilita a compreensão do leitor. Bagno faz nessa novela, ao tratar de temas sociolinguísticos, o que, por exemplo, *Jostein Gaarden* faz no seu romance *O mundo de Sofia*, para contar a história da filosofia de maneira mais descontraída, ou como *Augusto Cury*, no romance *O Colecionador de lágrimas*, em que trata do nazismo e do terror do holocausto.

No tópico em questão, a personagem Irene lança uma pergunta: “Quantas línguas se fala no Brasil?” (BAGNO, 2011a, p. 16), e a resposta dada pelas outras personagens desencadeia uma série de explicações científicas, mas de forma mais acessível aos leitores de maneira geral, em uma maneira mais didática, por assim dizer. E a conclusão é a de que o Brasil é um país de plurilinguismo[9].

6.2.2 Toda língua varia

O tema *variedades linguísticas* é retomado nesta “novela sociolinguística”, porque aí o autor faz uma espécie de síntese do que já escreveu em outros livros. O que muda é forma de abordagem. Assim como os demais tópicos, esse é tratado de maneira simples e direta. Bagno (2011a) fala, por exemplo, das diferenças entre o jeito português e o jeito brasileiro de falar, tais como: diferenças fonéticas, sintáticas, lexicais, semânticas e diferenças no uso da língua.

> − Essas e outras diferenças – prossegue Irene – também existem, em grau menor, entre o português falado no Norte-Nordeste do Brasil e o falado no Centro-Sul, por exemplo. Dentro do Centro-Sul existem diferenças entre o falar, digamos, do carioca e o falar do paulistano. E assim por diante (BAGNO, 2011a, p. 20).

Considerar o caráter variável da língua significa compreender as suas diversas situações de uso, nos diversos contextos, ressaltando-se que as questões geográficas são apenas parte do universo dessa variabilidade, uma vez que a língua varia por outros fatores, já exemplificados no início deste trabalho.

Nesse contexto, o que para alguns é considerado um erro pode ser apenas uma demonstração da pluralidade linguística, isto é, do fenômeno da

[9] Termo usado para designar as variedades linguísticas que podem ocorrer em uma língua.

variação, como demonstra Labov (2008), ao discorrer sobre a sociolinguística e as diversas situações em que a língua varia.

6.2.3 A norma-padrão

Neste tópico, Bagno (2011a) faz um pequeno resgate histórico acerca da "norma-padrão", explicando os equívocos desse termo e também os conflitos que ele gerou. A ideia de algo "padrão" gera outras ideias correlatas: a da perfeição, da imutabilidade, da beleza, da rigidez, da perpetuação, da confiabilidade, entre outras. Em relação à língua,

> No momento em que se estabelece uma norma-padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas "impróprias", "inadequadas", "feias", "erradas", "deficientes", "pobres"... E estas norma-padrão passa a ser designada com o nome da língua, como se ela fosse a única representante legítima e legal dos falantes desta língua (BAGNO, 2011a, p. 25, grifo do autor).

Fazendo-se uma analogia com os padrões de beleza estabelecidos pela indústria da moda, tem-se algo semelhante. Aceita-se como bela a mulher alta e magra, no estilo das modelos, ao passo que as que fogem a esse "padrão" são consideradas "feias" no segmento da moda.

No que diz respeito à língua, não costuma ser diferente. Logo no início da novela, Bagno (2011) mostra a estranheza que as estudantes universitárias em relação ao jeito diferente de Eulália falar: *"moio ingrês"*, *"pranta"*... E a primeira ideia expressa quando se ouve alguém falar assim é taxativa: "ele(a) fala tudo errado", o certo, o aceitável socialmente seria: "molho inglês", "planta". Bagno (2011b, p. 25, grifo do autor) mostra como surgiu a ideia do "padrão" em relação à língua, com um exemplo do que ocorreu com o italiano:

> Na Itália, a variedade que ganhou o título de padrão e que hoje chamamos de *italiano* é a língua originária de uma região da Toscana. Esta região teve uma importância muito grande durante vários séculos, tendo a cidade de Florença como capital política e cultural. Florença foi um dos polos do Renascimento, o grande movimento cultural europeu que revolucionou todos os gêneros artísticos e literários da época. Lá trabalharam e viveram gênios como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Botticelli. E na língua da Toscana foram escritas algumas das obras-primas da literatura mundial: a *Divina Comédia* de Dante Alighieri, as *Poesias* de Petrarca, o *Decamerão* de Bocácio. Além disso, a Toscana contava com uma moeda forte, o florim, que foi uma moeda importante de comércio internacional durante mais de duzentos anos e em torno do qual se havia organizado um sistema bancário

> muito evoluído para a época. Tamanho prestígio fez com que o toscano se tornasse, pouco a pouco, a língua de cultura de toda a Itália.

O que se deu com o italiano é semelhante ao que aconteceu com outros idiomas, em que a ideia de se estabelecer uma norma-padrão está associada às questões econômicas e à produção cultural. Em outras palavras, aceita-se com bom grado a língua dos intelectuais, dos grandes escritores como, no caso do Brasil, Machado de Assis.

Assim, qualquer expressão de língua que fuja aos cânones literários de prestígio passa a ser considerada como imperfeita. Entretanto, os grandes escritores, necessariamente, não são os responsáveis pela instituição da norma em si, mas a estruturas de poder que os tomam como referência, o que gera o preconceito linguístico em relação às demais variedades não-padrão, o que é ratificado no seguinte trecho da novela de Bagno (2011a, p.7):

> − Se estou entendendo bem – diz Emília −, a língua é um balaio de variedades, e só umas poucas vão ser tiradas do balaio para compor o padrão, certo?
> Irene se diverte com a comparação, mas concorda.
> − Certo.
> − E as outras que sobram no balaio, as coitadinhas, as rejeitadas? – quer saber Emília. – Como é que elas ficam?
> − Bem, nós já vimos as razões por que a tão celebrada unidade linguística do Brasil não passa de um mito, isto é, uma ideia muito bonita, muito conveniente, mas falsa e, para piorar, também prejudicial à educação, porque simplifica a realidade que, como vimos, é bastante complexa.

Compreender essas questões é, portanto, um caminho a ser percorrido por todos aqueles que estudam e ensinam uma língua materna. Assim, evitam-se posturas preconceituosas em relação às variedades linguísticas, que são tão possíveis e explicáveis cientificamente quanto à norma-padrão.

6.3 Analogia entre línguas maternas

Uma das formas que Bagno (2011a) encontrou para explicar fenômenos de variação linguística presente no português não-padrão (*PNP*) foi a analogia com outros idiomas, como o francês, por exemplo. O quadro a seguir é uma adaptação feita a parte de outro em que Bagno faz as comparações, para provar sua tese de que muito do que se observa no PNP:

Quadro 1 - Comparação entre línguas maternas.

PORTUGUÊS PADRÃO	FRANCÊS PADRÃO	PORTUGUÊS NÃO PADRÃO
Abelha	abeille*(abéy)*	Abêia
Alho	ail*(ay)*	Ai
Batalha	bataille*(batáye)*	Bataia
colher (subst.)	cuiller*(küyér)*	Cuié
Falha	faille*(faye)*	Faia
Filha	fille (fíye)	Fia
Palha	paille*(páye)*	Paia
Trabalhar	travailler*(travayê)*	Trabaiá

Fonte: Bagno (2011a, p. 58)

Por esse quadro comparativo, Bagno (2010) mostra fenômenos que, no processo de assimilação latim/francês padrão, são muito semelhantes ao português não-padrão. Então, grosso modo, considerando-se que o francês é um idioma de prestígio internacional, pode-se deduzir que o *PNP* é mais fiel às raízes latinas. A esse respeito, Bagno (2011a, p. 56) explica por meio de sua novela:

> − No francês, até início do século passado – continua Irene −, o LL do grupo que é escrito –ILL se pronunciava como o LH do português padrão, e os gramáticos, apavorados com o desaparecimento desta consoante, substituída pela semivogal "i", fizeram todos os esforços possíveis para salvá-la da extinção. Mas de nada adiantou a campanha deles... E hoje, se compararmos algumas palavras do português-padrão, do francês-padrão e do português não-padrão, vamos ver que essas duas últimas variedades têm pronúncia bem próximas.

Nesse sentido, pode-se concluir que não adianta tentar conter a língua, sendo que, por natureza, ela é dinâmica, viva e, metaforicamente, indomável no que diz respeito às mudanças que originam as variedades linguísticas.

6.3.1 Dos verbos

Um outro fenômeno linguístico apresentado por Bagno (2010) diz respeito à flexão dos verbos no português não-padrão, ou melhor, da quase não flexão número-pessoal, semelhantemente ao que ocorre no inglês, que registra flexão apenas na 3ª pessoa do singular. O quadro a seguir exemplifica bem essa questão:

Quadro 2 - Conjugação do verbo AMAR no presente do indicativo.

PORTUGUÊS PADRÃO	PORTUGUÊS-NÃO PADRÃO
eu AMO	eu AMO
tu AMAS	tu/você AMA
ele/ela AMA	ele AMA
nós AMAMOS	nós/a gente AMA
vós AMAIS	vocês AMA
eles AMAM	eles AMA

Fonte: Bagno (2011a, p. 66)

Esse quadro mostra uma língua funcional e prática. No entanto, essa forma de conjugar os verbos, embora prática e fácil, de longe, é rejeitada pela elite intelectual, principalmente por não estar de acordo com o padrão exigido pela gramática normativa.

Quanto à praticidade do português não-padrão (PNP), Bagno (2011a, p. 6, grifo do autor) explica, mostrando que se trata de um processo de enxugar a língua:

> − O PNP [...] é uma língua "enxuta", que evita as redundâncias, o excesso de marcas para indicar um único fenômeno. Assim como no caso dos plurais, onde a marca de plural fica limitada somente ao artigo ou à palavra, como em *os menino bonito*, no caso dos verbos, ao que parece, basta a presença do pronome-sujeito para indicar a pessoa verbal.
> − Pronome-sujeito é *eu*, *tu*, *ele*, *nós* etc.? – certifica-se Sílvia.
> − Isso mesmo – confirma Irene. – Se a pessoa já está indicada, a forma do verbo não precisa variar tanto para que o ouvinte compreenda de quem se está falando e qual é o tempo verbal em questão.
> − É verdade, tia – comenta Vera. – Eu acho que ninguém vai confundir, por exemplo, *tu*/*ele*/*nós ama* com *tu*/*ele*/*nós amou*.
> − É o que prova a funcionalidade do PNP – diz Irene. – A mesma regra de eliminação de concordâncias redundantes que vimos no caso dos plurais vale também aqui.

Entretanto, embora se reconheça o lado prático e funcional do *PNP*, há de ressaltar-se que ele não será reconhecido até que seja registrado em uma "gramática normativa". Alguns linguistas já buscaram registrar o "português brasileiro", incluindo as variedades do *PNP*, como Mario Perini (2010) em sua *Gramática do Português Brasileiro* e Marcos Bagno (2011b) com *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. No entanto, esses livros são tratados pelos normativistas como os livros apócrifos da Bíblia, isto é, não canônicos, rejeitados.

A língua é viva, é dinâmica e passa, no uso real, por metamorfoses. Mas as gramáticas normativas não acompanham as transformações reais da língua.

Seus autores preferem cristalizar certas construções como modelo de perfeição, ainda que, no uso cotidiano do idioma, elas não ocorram mais (PERINI, 2004).

6.3.2 Dos ditongos

Uma prova real das transformações por que passa o português no Brasil está no abandono, na fala, da pronúncia dos ditongos. Na escrita eles continuam, mas na fala de milhares de brasileiros já desapareceram, como explica Bagno (2011a, p. 82, grifo do autor):

> − Os livros didáticos e as gramáticas insistem em dizer, até hoje, que nas palavras *pouco*, *roupa*, *louro* existem "ditongos", isto é, um "encontro vocálico" em que as duas vogais são pronunciadas. Mas isso não acontece mais no português do Brasil, nem no de Portugal. Há muito tempo que o que se escreve OU é pronunciado O. Isso está documentado em pesquisas, em gravações da língua falada, e basta você ligar o rádio ou televisão para ouvir *poco*, *ropa*, *loro*... Este é um fenômeno que ocorre tanto no português-padrão do Brasil quanto no não-padrão.

Fenômenos como esses são comuns no uso real da língua, como deveria ser natural também aceitá-los como válidos, mas no Brasil ainda persiste-se em um ensino gramatical nas escolas que não corresponde à realidade da língua em uso. Portanto, como diz Bagno (2011a), tem sido mais fácil considerar as variedades linguísticas como erro, como desvio à norma-padrão, do que aceitar essas transformações naturais que elas trazem como válidas. Os normativistas dizem se valer da lógica para escrever suas gramáticas, no entanto, o que escrevem são proposituras à luz de um pensamento preconceituoso em relação a qualquer mudança real na língua (PERINI, 2004).

6.4 O impacto nacional de *A língua de Eulália*

A obra sociolinguística em questão, a novela *A língua de Eulália* teve sua primeira edição em 1997, mesmo ano em que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram publicados. Mas a coincidência não foi apenas esta. Os PCNs, no volume de Língua Portuguesa, tratavam, dentre outras coisas, das variações linguísticas, como fenômeno próprio e natural das línguas humanas (BAGNO, 2011a).

Dessa forma, pode-se dizer que tanto os PCNs quanto a obra *A língua de Eulália* causaram um impacto no mundo acadêmico e na sociedade em geral, pelo caráter de denúncia do preconceito linguístico que tiveram e que, ainda hoje, têm. Como o próprio Bagno (2011a, p. 209, grifo autor) afirma,

> *A língua de Eulália* trazia um discurso de revelação, explicação e denúncia do preconceito linguístico semelhante ao que vinha estampado nos PCNs, muito embora o livro tenha sido produzido de modo independente, sem que o autor tivesse conhecimento de que aqueles documentos estavam sendo gestados.

Isso prova que as discussões sobre as incoerências e incongruências nas gramáticas normativas de língua portuguesa já vinham sendo realizadas há bastante tempo e que a publicação dos PCNs e também de *A língua de Eulália* contribuíram significativamente para a difusão de novas ideias sobre a língua, sobre o seu estudo e o seu ensino.

Diante dessa confluência de discursos dos PCNs e de *A língua de Eulália*, os educadores de todo o país tiverem (e têm) subsídios valorosos para ajudá-los a melhor compreender os fenômenos linguísticos da língua que ensinam, pois essas obras mostram uma outra visão sobre a língua, o que, de certa forma, vem de encontro à visão dos gramáticos puristas. Não se trata de uma oposição apenas, em que os normativistas estão errados e os linguistas, de “esquerda”, estão corretos. Pelo contrário, trata-se do direito de ter-se o benefício do contraditório, ou seja, da opinião de outros estudiosos sobre os fenômenos da língua.

7 CONCLUSÃO

Os estudos e as reflexões feitas neste trabalho monográfico tiveram um caráter muito significativo no que diz respeito à compreensão da *Sociolinguística Variacionista*, o que foi realizado a partir da leitura e da análise da obra *A língua de Eulália – novela sociolinguística*, do autor Marcos Bagno.

Assim, depois de estudar essa obra, constatou-se que as questões relativas à língua no Brasil ainda causam muita polêmica. Por um lado, há muitos estudiosos e intelectuais que defendem uma fala e uma escrita do idioma português pautadas na gramática normativa, a todo custo, sem levar em consideração os diversos contextos linguísticos do ato de comunicação, sem considerar, portanto, as variedades reais da língua. Para estes, a língua deve dobrar-se ao que prescreve a norma-padrão.

Por outro lado, há uma gama considerável de estudiosos que não nega a norma-padrão e sua importância para determinados usos do idioma, mas não admite que esta seja a única aceita como válida, defendendo-se a ideia de que todas as variedades linguísticas do português, por questões geográficas e etárias, por questões socioeconômicas e diacrônicas, são manifestações concretas da língua e, portanto, não podem ser ignoradas.

Na obra *A língua de Eulália* tem-se um bom exemplo de como a eleição da norma-padrão em detrimento das outras pode afetar negativamente inúmeros falantes do português. Nessa novela da vida real, viu-se Eulália sendo vítima do preconceito linguístico, mesmo que de forma velada. E como essa personagem, muitos brasileiros também são ridicularizados e estigmatizados, somente por falar uma variedade diferente da variedade dita norma-padrão.

A leitura e análise dessa obra proporcionou a construção de um novo paradigma para a compreensão da Língua Portuguesa. Por meio de sua leitura, pôde-se perceber que Bagno soube unir a literatura com a sociolinguística, traduzindo para uma linguagem mais simples os diversos conceitos oriundos da linguística, promovendo uma reflexão séria sobre os diversos mitos que existem a respeito da língua, trazendo um olhar mais científico e menos preconceituoso, que julga as variedades não como defeitos, mas como possibilidades.

No que se refere à *Sociolinguística Variacionista* propriamente dita, as contribuições desse estudo se remetem a toda contextualização que foi feita acerca

da temática em questão, principalmente no que se refere à origem do preconceito linguístico e às explicações científicas da ocorrência das variedades linguísticas, como o desaparecimento, na fala do brasileiro, de muitos ditongos, a relação entre a fala caipira (português não-padrão) e o francês padrão, em que se descobriu muitas semelhanças, dado ao processo de assimilação e a explicação de muitos fenômenos linguísticos que costumam ser tratados como erros maculadores da língua.

Pôde-se perceber, ainda, quanto ao preconceito linguístico, que este problema não leva em conta somente aquilo que se fala, considerando erro, mas também se configura em um preconceito contra a pessoa que fala. Nesse caso, trata-se de uma questão social, a mesma retratada na novela *A língua de Eulália*. E como essa forma de preconceito ainda não é considerada crime, não havendo punição para quem a comete, fica difícil combatê-la.

Assim, a discussão e a reflexão sobre esta temática nos ambientes acadêmicos é fundamental, criando-se uma possibilidade, pela compreensão inteligível da língua, fundamentada nos estudos de inúmeros pesquisadores da língua, de combater eficazmente o preconceito linguístico.

Espera-se, portanto, que este estudo, possa contribuir para a construção e reconstrução dos conhecimentos acerca da Sociolinguística, sem perder o foco nas variedades linguísticas, que não devem mais ser ignoradas, nem na educação básica, nem na formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Tocaia grande**. Rio de Janeiro: MEDIA FASHION, 2008.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 3.ed. São Paulo: Parábola, 2007.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 52. ed., São Paulo: Edições Loyola, 2009a.

_____. **Não é errado falar assim**! – em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009b.

_____. **Gramática, pra que te quero**?: os conhecimentos linguísticos nos livros didáticos de português. Curitiba: Aymará, 2010.

_____. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2011a.

_____. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011b.

BAGGIO, 2011.Marcos. **"Erro sobre "erro"".** Revista discutindo língua portuguesa. São Paulo: Editora Escala, Edição Especial

BAIÃO, José Geraldo Pereira. **De Panini a Labov**: um breve passeio pela história dos estudos lingüísticos. Disponível em:< aplicação.tst.jus.br/dspace/handle>. Acesso em: 30 de maio de 2013.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERLINCK, Rosane de Almeida; BARBOSA, Juliana Bertucci. **Reflexões teóricos-metodológicos sobre fontes para estudo histórico da língua**. Disponível em: <WWW.abralin.org/revista/rv7n2/0>. Acesso em: 21 de mai. 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. São Paulo: Parábola, 2011.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**.11ed., São Paulo: Scipione, 2009.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARANO, Ana Amélia e BELTRÃO, KaizôIwakami. **Distribuição espacial da população brasileira**: mudanças na segunda metade deste século. Textos para Discussão, TD- 766. Mimeo. Rio de Janeiro: IPEA, Novembro de 2000.

DIAS, Luzia Schalkoski; GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Estudos linguísticos**: dos problemas estruturais aos novos campos de pesquisa. Curitiba: IBPEX, 2008.

DICIONÁRIO Aurélio online. Disponível em:< WWW.aulete.com.br. Acesso em: 14 out. 2013.

ELIA, Sílvio. **Fundamentos histórico-linguisticos de português do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2 ed., Campinas. Editora Versus, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. ver. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

PERINI, Mário Alberto. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola, 2004.

PRECONCEITO LINGUISTICO. Disponível em: WWW.recantodasletras.com.br/pensamentos/3045465.> Acesso em: 20 out. 2013. .

QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. 76. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

ROCHA, Conceição de Maria de Araújo; ROCHA, Maria de Fátima Soares; BEZERRA, José Ribamar Mendes. **O português falado no Maranhão**: estudos preliminares. São Luis: UFMA. Disponível em: <WWW.wel.br/revistas/wel/index.php>. Acessso em: 22 de maio de 2013.

SÁ, Edmilson José de. Língua e sociedade: conhecimento prático. **Língua Portuguesa**, São Paulo, p. 54 - 61, 20 fev. 2009.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. Teorias da mudança linguistica. **Revista de Estudos Linguisticos da Universidade do Porto**. V.3, 2008. Disponível em: <ler.letras.up/uploads/ficheiros/6874/pdf>. Acesso em: 24 de abr. de 2013.